

Maria Rita Kehl

A História dos Vencidos



INM Editora

A História dos Vencidos



INM Editora

A HISTÓRIA DOS VENCIDOS

Maria Rita Kehl



INM Editora

Copyright © 2026 Maria Rita Kehl

Todos os direitos desta edição são reservados à INM Editora.
Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja por meio impresso ou digital, sem a permissão prévia da INM Editora, de acordo com a Lei Nº. 9.610/98. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com a Lei Nº. 10.994, de 14 de dezembro de 2004 e a Lei Nº. 12.192, de 14 de janeiro de 2010.

Editores: Sergio Gomes e Bruno Ricardo Gomes

Diretor Comercial: Bruno Ricardo Gomes

Revisão Gramatical: Sandra Schamas

Revisão Técnica e Preparação do Texto: Sergio Gomes

Capa e Diagramação: Lorena Araia

Imagem da Contracapa: Lorena Araia

Marketing: Diogo Robassini

Gerente Comercial: Anderson Pedrosa

Gerente Administrativa: Camila Cardozo

Estagiário: Ryan Aranha

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, 5ª. Edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, de março de 2009.

INM Editora

Avenida Paulista, 326 - Sala 41 - Bela Vista

São Paulo-SP - CEP: 01307-002, Tel.: (11) 5026-7748

contato@inmeditora.com.br

inmeditora.com.br

Instagram: @inmeditora

Facebook: /inmeditora



Nota Editorial

A INM Editora tem o prazer de apresentar aos(as) leitores(as) brasileiros(as) o mais recente livro da psicanalista Maria Rita Kehl: *A História dos Vencidos*.

O livro é resultante de seus ensaios e crônicas publicados nas revistas *CartaCapital* e *Cult*, nos últimos cinco anos, período compreendido entre 2022 e 2026. Trata-se de 47 textos nos quais o leitor poderá ler em qualquer ordem, sobre os assuntos diversos trabalhados pela psicanalista: feminismo, violência de Estado, cancelamento nas redes sociais, cultura indígena, sociedade do espetáculo, a cultura do ódio, a legalização da maconha, a política com relação aos moradores de rua em São Paulo, as fake news, a ascensão e queda do movimento político de direita no Brasil, a política de esquerda no atual governo brasileiro, seu trabalho na Comissão da Verdade a convite da presidenta Dilma Rousseff, algumas passagens autobiográficas, a maternidade, além de alguns textos sobre literatura, poesia e música popular brasileira, em especial o samba, ritmo musical do qual mais gosta de cantar. Na literatura, Maria Rita Kehl faz incursões de livros publicados nos últimos anos, até uma análise da poesia de Charles Baudelaire. Mas é no filósofo Walter Benjamin de quem ela tira o título que dá origem ao livro, ao reafirmar que a história dos vencedores todos nós a conhecemos, mas a história dos vencidos precisa ser urgentemente contada e jamais esquecida.

Por decisão editorial, nós acrescentamos algumas notas de rodapé explicativas para contextualização histórica de determinados temas tratados pela autora. Adicionamos, também, algumas referências bibliográficas de textos citados por Maria Rita corrigindo algumas imprecisões quando houve necessidade, além de QR CODES para o leitor acessar determinadas músicas citadas por Maria Rita Kehl, em alguns capítulos.

Todos os textos publicados no presente volume foram devidamente referendados, quando da sua publicação original. A INM Editora agradece a autorização das revistas *CartaCapital* e *Cult* pela publicação dos textos aqui apresentados aos(as) leitores(as) brasileiros(as) e esperamos que possam aproveitar da escrita sempre atual da psicanalista Maria Rita Kehl.

Sergio Gomes
Bruno Ricardo Gomes
Editores

Sumário

Nota Editorial.....	5
Prefácio.....	11
O que quer uma mulher?	13
Ousadia Editorial	20
Ideias fora do lugar	24
Descaso Homicida.....	28
Três meses depois.....	32
Tratamento humanizado.....	37
A história dos vencidos	41
A casa-grande em pânico	45
Inimigo interno.....	49
Quem é o fora da lei?	52
Antes que me cancelem.....	56
Marcas da maldade.....	59
Cruel hipocrisia	62
Medo e violência.....	65
Legalize já	68
Engodo da pacificação	71

Lembrar é resistir.....	74
Jovens radicalizados	77
A massificação da mentira	80
Fundamentalismo hipócrita.....	83
Terra sem Leis	86
Por um debate honesto.....	90
Recalcados	93
Aliciador de tolos.....	96
Inconsciente e alienação.....	99
Lembranças com Lula	103
Multidões virtuais.....	106
Meu Brasil brasileiro.....	110
A menina que revirava tatus-bola.....	115
Conservar o quê?	118
Maternidades.....	122
Ponto de sublimação	126
Fetiche e barbárie.....	129
Mais um Holocausto?	133
Baudelaire	136
Aquarela sem cor	139
Dissonância cognitiva	142
Sociedade do espetáculo	145
Armadilha identitária	148

Prestígio tóxico	152
Jards	155
Milagre	158
Ouvidos para quê?	161
Maternidades II	164
O deus das pequenas coisas	167
Círculo vicioso	170
A cultura do ódio	173
Para que serve a poesia	175

Prefácio

Se me perguntarem quais são as atividades que mais me dão prazer (excluo, *par délicatesse*, o campo do erotismo), tenho duas respostas prontas. Em primeiro lugar: cantar. Sou rouca, não teria chance como cantora profissional. Mas, mesmo muitas vezes sem nem perceber, eu canto praticamente o tempo todo — quando não estou com os analisandos, claro. Aliás, às vezes, substituo a interpretação por um trequinho de música que me pareça caber ali. Canto uma frase engraçada, ou expressiva; para a pessoa que está no divã; parece uma inconveniência, mas não é: se eu consigo acertar um trecho de música que diga respeito ao problema do analisando, o resultado é sempre progressista.

Enfim, adoro ouvir música e adoro cantar. A atividade que ponho em segundo lugar (muitas vezes empatada com a anterior) é escrever. Escrevi um conto quando era criança (7 ou 8 anos) chamado “A girafa que queria ser cantora”. Construí a personagem baseada em mim mesma: girafa, porque sempre fui “pescoçuda” e magrela; e cantora porque... porque sim. Sou rouca, mas afinada. Canto (sem ter que “decidir” por isso) quase toda vez que tenho um tempo ocioso, mas esses dois parágrafos não vêm ao caso para prefácio desse livro de crônicas.

Acontece que a segunda atividade que mais me dá prazer é escrever — principalmente quando não estou oprimida por alguma obrigação de escrita. Meu primeiro “emprego”, quando quis sair da casa de meus pais e morar com amigos, foi

em um pequeno jornal do bairro de Pinheiros chamado, justamente, “Jornal do Bairro”. Me lembro que os textos deveriam ter um tamanho padrão: 20 linhas de 40 toques (se bem me lembro). Seu diretor se chamava (e ainda se chama) *Raduan Nassar*... que anos mais tarde se tornaria o magnífico escritor de *Lavoura arcaica* e outros livros que todos vocês devem conhecer.

O único prêmio importante que ganhei, em 2010, foi um Jabuti pelo livro *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*.¹ Eu me lembro da euforia que me causava quando conseguia uma boa solução teórica para minhas hipóteses. O fato é que sempre me sinto feliz quando me pedem algum texto. Foi o que fez o Rodrigo Martins, diretor executivo da revista *CartaCapital* — o único semanário de esquerda do Brasil que a classe média lê (confira, por favor, Rodrigo). A revista tem quatro colunistas homens, que escrevem semanalmente. E agora, quatro mulheres. Os textos comportam uma página, o que também me desafia a conseguir desenvolver uma ideia num espaço mais ou menos padronizado (às vezes, quando “estouro” o limite, Rodrigo me dá metade da página seguinte.

Pois são esses os textos que agora apresento aos leitores. O livro é fruto de um convite do caríssimo Sérgio Gomes, diretor da INM Editora, a quem sou muito grata.

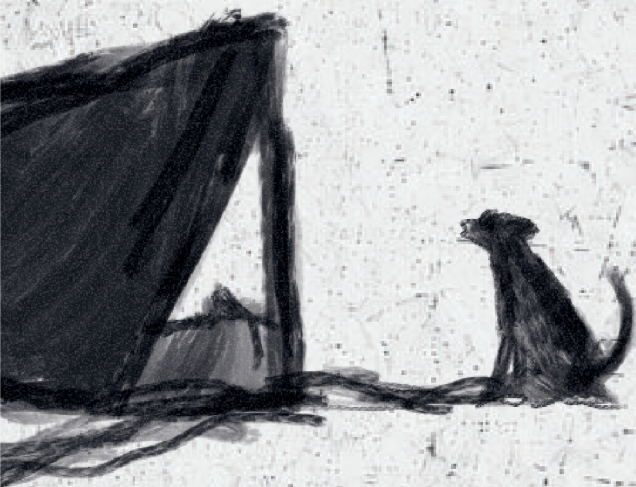
Boa leitura para todos! Se não gostarem, tudo bem, mas não me contem...

Maria Rita Kehl
Psicanalista

¹ Kehl, M. R. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

Walter Benjamin, em suas *Teses Sobre o Conceito de História*, afirma que a história oficial refere-se, invariavelmente, aos fatos e bravuras cometidos pelos vencedores. Os reis, os vencedores de batalhas, os heróis. É com estes que os historiadores, que ele chama de “historicistas”, se identificam. “Os que num dado momento dominam”, escreveu, “são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia, sempre, portanto, esses dominadores. Isso diz tudo para o materialista histórico. Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão”. Quem contaria a história dos vencidos? É necessário contar a história deles, pois a dos vencedores estão nos livros, nas teses, nas homenagens, nas salas de aula.

Maria Rita Kehl



ISBN: 978-65-85823-46-3



CRL